

**REPRESENTAÇÕES INFANTIS: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA A PARTIR DO
PERFIL DE MÍDIA SOCIAL “FRASES DE CRIANÇAS”**

**CHILDREN'S REPRESENTATIONS: AN INTRODUCTORY ANALYSIS FROM THE
SOCIAL MEDIA PROFILE “CHILDREN'S PHRASES”**

Vinícius Barbosa Cannavô
viniciuscannavo13@gmail.com
Mestrando em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adilson Cristiano Habowski
adilsonhabowski@hotmail.com
Doutorando em Educação
Universidade La Salle

Joana Pereira Bortoluzzi
joanabortoluzzi13@gmail.com
Bacharelanda em Bibliotecnomia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre as representações infantis em um perfil das redes sociais Facebook e Instagram chamada *Frases de Crianças*. O material empírico adotado são as postagens dessas mídias sociais que são redigidas pelos pais das crianças, tendo a fala dos pequenos como centralidade na postagem. Como abordagem teórica optamos pelo campo dos Estudos Culturais em relação com o campo dos Estudos da Infância, de viés pós-estruturalista. A abordagem metodológica é de caráter qualitativo exploratório, tendo na revisão bibliográfica o grande suporte de pesquisa e nas mídias sociais o terreno fértil de incursão das análises futuras. A pesquisa ainda está sob andamento, dessa forma, a revisão bibliográfica levantada até o dado momento no auxilia a pensar caminhos, contingências, enfoques e deslocamentos nesta discussão.

Palavras-chave: Tecnologia; Estudos Culturais; Infâncias.

ABSTRACT

This research deals with children's representations in a profile of the social networks Facebook and Instagram called Frases de Crianças. The empirical material adopted is the posts of these social media that are written by the parents of the children, with the speech of the little ones as central in the post. As a theoretical approach we chose the field of Cultural Studies in relation to the field of Childhood Studies, with a post-structuralist bias. The methodological approach is of an exploratory qualitative character, having in the bibliographic review the great support of research and in social media the fertile ground of incursion of future analyzes. The research is still underway, thus, the bibliographic review raised until the given moment does not help to think about paths, contingencies, approaches and displacements in this discussion.

Keywords: Technology; Cultural Studies; Childhoods.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir do campo dos Estudos Culturais com enfoque na educação e dos Estudos da Infância, esta pesquisa se configura como uma revisão teórica introdutória que visa problematizar as representações infantis postas em circulação a partir da página *Frases de crianças* das redes sociais Instagram e Facebook em uma pesquisa posterior. Com a proliferação das mídias digitais, os estudiosos do campo dos Estudos Culturais têm se debruçado cada vez mais sobre essas investigações, buscando articular diferentes campos científicos. Wortmann; Costa e Silveira (2015, p. 37), explicam que os estudos de mídias acionam com os estudos das pedagogias culturais “um amplo espectro de aportes acerca do papel, do significado, do poder e dos modos de operação dos artefatos midiáticos nas sociedades contemporâneas, marcadas indelevelmente pelo espetáculo, pela visibilidade, por interesses mercantis e pelo consumo”. Enquanto artefatos de produção de subjetividades, os discursos produzidos em torno das crianças (re)produzem representações das infâncias, pois sendo elaborados pela linguagem,

recebem significados na cultura com potencial de subjetivar, conduzir e controlar condutas.

O campo dos Estudos Culturais - e a sua devida articulação com a educação - tem se constituído a partir de um compromisso como prática de trabalho intelectual e político, reivindicando que tal trabalho importa dentro e fora do âmbito acadêmico. Dessa forma, “se constituem em uma forma [os Estudos Culturais] diferente de fazer o trabalho intelectual, e como resultado, podemos dizer e fazer certas coisas, produzir certos tipos de conhecimento e entendimento, o que não é possível por meio de outras práticas”. (GROSSBERG, 2009, p.15).

Sob a ótica histórica, determinadas áreas do saber têm se caracterizado como legítimas para falar sobre alguns temas. As análises culturais têm feito incursões teóricas e metodológicas, mesmo que pequenas, em diversas áreas do saber, focalizando e dando visibilidade para o contexto de inserção do objeto, dos sujeitos que incidem no processo acerca das relações que são constituídas. (WORTMANN, 2002). Por isso, o campo do Estudos Culturais tem privilegiado e optado por trabalhar com artefatos culturais que estejam fora dos limites escolares, ampliando a discussão sobre a educação, permitindo que a cultura agencie e produza sujeitos. Segundo Silva (2017, p.139), “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade da subjetividade”.

O campo da educação estabelece diálogos com as mídias digitais e o perfil *Frases de Crianças*. Destarte, surgiu a necessidade de aprofundar os entrelaçamentos entre os Estudos Culturais e o artefato cultural em questão. Intencionamos com este estudo colaborar para o avanço das discussões em curso acerca dos contextos educacionais informais, das estratégias de endereçamento que pautam tais experiências, bem como aprofundar noções relacionadas à compreensão das análises culturais acerca das mídias sociais, tendo em vista que

“essas tecnologias influenciam na construção da identidade da criança, uma vez que as mídias, por meio da publicidade, favorecem o consumismo e a produção das subjetividades desde a infância” (HABOWSKI, 2019, p.107).

A página *Frases de Crianças* começou como um blog em julho de 2009. Atualmente já são milhares de frases publicadas, e o blog acumula quase 1 milhão de visualizações mensais e na rede social Facebook já são mais de 1 milhão de seguidores e mais de 700 mil seguidores no Instagram. O *Frases de Crianças* é um blog colaborativo que conta com a contribuição das famílias que podem encaminhar via e-mail ou com o preenchimento de um formulário suas sugestões de frases. Nos termos de uso, a página menciona que em respeito à privacidade das famílias e das crianças não são publicados os sobrenomes e nem os nomes dos pais. A página parte do princípio de que as frases enviadas são reais e foram testemunhadas por quem escreveu e encaminha para a página. Contudo, a página salienta que o envio da frase não significa necessariamente que ela será publicada.

Segundo Larrosa (2001, p. 291), “Dar a palavra (...) é essa paradoxal forma de transmissão na qual se dão simultaneamente a continuidade e o começo, a repetição e a diferença, a conservação e a renovação”. Trata-se, então, de pensar a intercomunicação das experiências e diversas expressões das crianças, num processo próprio de pedagogias culturais, participativas, aprendentes e comunicativas. As crianças comunicam-se por meio de expressões, dos movimentos do corpo e das feições, por isso são capazes de manifestar seus saberes e interesses, de modo que precisam ser valorizadas pelas suas formas de expressão e capacidade de articular aprendizagens.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A representação ganhou centralidade na cultura, afinal o conceito entrelaça o sentido e a linguagem na cultura. Segundo Hall (2016, p.31),

representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representa-lo a outras pessoas. Pode-se perguntar com toda razão: “Mas isso é tudo?” Bem, sim e não. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos.

Nessa perspectiva, destacamos a importância de pensar as representações como categorias elaboradas, questionando os sujeitos que falam, por que falam e de onde falam ao gerarem uma certa identidade. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 139),

[...] Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. [...] através dessa perspectiva, ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural.

Levando em consideração a força da cultura de massa, as mídias digitais veiculam sentidos e significados produzidos que conduzem os sujeitos para o fascínio, consolidando verdades que buscam apresentar sobre perspectivas de vida, sobre ser e estar no mundo. Deste modo, estes artefatos formam um campo de produção de subjetividades, por isso que as interações dos sujeitos com as mídias se apresentam como importantes objetos para questionamento e investigação (CASTRO, 1999). De acordo com Wortmann; Costa e Silveira (2015, p. 39), “Investigar os contornos e ênfases das pedagogias torna-se então crucial quando as teorias sociais e culturais se ocupam centralmente com a formação das subjetividades engendradas pelos modos de vida contemporâneos que modelam corpos e mentes”. Assim, é preciso questionar sobre os efeitos que os discursos

produzem na forma como os sujeitos constroem seus sentidos nas suas existências (AMARAL, 2000).

Neste ponto, os comentários que serão analisados encontram-se em uma perspectiva comunicacional e cultural diante de uma cultura da conexão (JENKINS, 2009). A contemporaneidade apresenta cada vez mais mídias digitais que geram mudanças nas formas de ler um texto, de assistir a um filme e de navegar na internet, assim como requer novas compreensões das culturas de infâncias e mídias digitais, as subjetividades produzidas e das formas conectadas de conviver e agir das famílias e dos demais sujeitos frente às ações e interrelações com as mídias digitais (CANCLINI, 2008a). Segundo Beck e Esperança (2017, p. 37),

Tenho entendido por mídia as diversas formas que pessoas e instituições têm se utilizado para estabelecer comunicação, entretenimento e educação. A mídia se converte como uma instância pedagógica com elevado poder educativo na vida das pessoas, sendo concebida como produtora de significados. Notadamente, atrelada ao consumo como condição de emergência e possibilidade, a mídia se posiciona como espaço pedagógico ensinando, a adultos e crianças, modos de ser, viver, conviver, agir, estando cada vez mais próxima desses sujeitos. Na profícua associação estabelecida entre sentimentos, artefatos e vida, a mídia se revela complexa e abrangente.

Segundo Fischer (2006), a mídia é um potente espaço social produtor de significados e identidades que ultrapassam as superficiais fronteiras da informação, entretenimento e lazer da vida cotidiana. Mata (1999, p.82), em relação ao conceito de *midiatização*, afirma que estamos diante de “uma nova matriz para produção simbólica dotada de um estatuto próprio e complexo que tanto funde anteriores modos de interação com novas formas expressivas, antigos circuitos de produção com novas estratégias discursivas e de recepção”. Por meio de um conjunto de expressões de conhecimentos e saberes, as mídias são consideradas na contemporaneidade como um dos principais e mais importantes âmbitos que formam um conjunto polissêmico de significados na vida das pessoas. Na verdade, as

mídias não somente fazem uso dos discursos e representações sociais e culturais, mas é capaz de (co)criar, (re)inventar e (re)produzir formas de ser e estar. Enquanto possibilidades de uso, desfrutam de imagens, ícones, símbolos e sujeitos por onde circulam variados ensinamentos (BECK; ESPERANÇA, 2017).

Alguns grupos sociais convivem desde a infância com as visibilidades atrativas das mídias, desde o controle remoto, o mouse e o celular. Tais artefatos são extensões do próprio corpo e servem também para trocarmos, discutirmos e articularmos saberes. Segundo Felipe (2007, p.253),

Em relação à infância, a construção das identidades articula-se aos discursos a respeito da criança que são veiculados e sustentados por diversos artefatos culturais. Dentre tais artefatos, a mídia vem ocupando lugar de destaque nos últimos tempos, na medida em que veicula uma gama enorme de informações sobre os mais variados assuntos. Tais informações mostram desde modos de ser criança até do que devem gostar e como devem proceder.

Quando são divulgadas expressões das crianças nas redes sociais e os sujeitos que visualizam, leem e comentam, as redes sociais podem ser tomadas enquanto artefatos culturais que reproduzem pedagogias culturais, proporcionando saberes que estão em circulação e que reverberam culturas das infâncias, produzindo sujeitos na contemporaneidade. Na verdade, já nasceram em um contexto de mídias digitais, fazendo parte de uma cultura participativa (JENKINS, 2009). Tamanha é essa transformação que não basta nos colocarmos ante a essa realidade como espectadores fascinados, mas precisamos analisar as ressonâncias nas nossas vidas, mudanças em nossas visões de mundo, especialmente nas culturas das infâncias. De acordo com Melo e Guizzo (2019, p.124) “é possível afirmar que a cultura participativa se refere à forma como a sociedade contemporânea (em função da popularização da Internet) tem se distanciado da condição de receptora passiva”. Além disso,

Se, de um lado, é certo que a criança, ao invés de absorver ou consumir passivamente os objetos e as informações disponíveis nessa rede, atua como leitora e construtora de significados e conexões entre as narrativas que nela circulam, como se ordenasse e reordenasse as peças de um quebra-cabeça polimorfo, de outro, é importante considerar que essa mesma criança, para ser bem sucedida nessa tarefa, deve estar atenta e a par de cada nova informação e produto lançado na rede, exigindo de si própria e dos outros com quem compartilha, atitude empreendedora, atualização e expertise(SOUSA; SALGADO, 2009, p.213),

As crianças sempre reproduziram o mundo dos adultos a partir de brincadeiras de faz de conta, dos modos de ser, de pensar e de agir, que envolvem sociabilidades e temas relacionados aos adultos, assim, “a criança contemporânea se constitui pelo desejo de saber e é fortemente influenciada por diferentes mídias” (OLIVEIRA et. al.,2019, p.38). Contudo, no contexto contemporâneo, as crianças não são mais pensadas como dependentes dos adultos, tanto na esfera econômica e política, como na esfera mais restrita do âmbito familiar e escolar, até porque, o mercado concedeu lugar para as crianças, tendo suas histórias interligada com as mudanças das relações entre adultos e crianças (PEREIRA, 2002).

Dentro de um sistema capitalista-consumista, as possibilidades de fuga são limitadas. Ao estarem inseridas neste espaço, as crianças são convocadas a participar desse processo de ordem consumistas. Percebemos “não só nas roupas e adereços que elas usam, mas no valor que dão ao fato de poderem adquirir moda [...] e no quanto são atraídas e usadas pelas estratégias de convocação ao consumo levadas a efeito pela publicidade” (ANDRADE; COSTA, 2010, p. 234-235). Dessa forma, a indústria busca estratégias para capturar as crianças endereçadas, concedendo protagonismo a elas tendo em vista o seu papel potencial na sociedade, seja pelo consumo ou pelo governo dos corpos. Segundo Quinteiro (2002, p. 21),

(...) pouco se conhece das culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a “fala” apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores. Estes parecem ficar prisioneiros de seus próprios referenciais de análise. Entre as ciências da educação, no âmbito da

sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável.

Trata-se da importância de se ouvir as crianças, para que desta forma possamos conhecer as culturas infantis, ou seja, viabilizando a *escuta dessas vozes* pautamos uma série de saberes pertinentes ao mundo das crianças e dos adultos. Vale ressaltar que é muito importante estudos que agreguem valor e deem visibilidade aos discursos das crianças, na tentativa de desvelar a rica matéria-prima que é interagir com as crianças. Entretanto, Felipe (2009, p. 8) aponta que ouvindo as crianças e inserindo-as como privilegiadas das pesquisas, não fará com que aconteça uma verdade natural e também absoluta sobre as crianças, de modo que “é ilusão pensar que ‘dar’ voz às crianças, observando atentamente os discursos que elas produzem ou reproduzem sobre si mesmas e o mundo nos trará um desvelar sobre a infância”. Silveira (2002, p. 80) aponta que ao ouvir as crianças abre-se a possibilidade de interação com um conjunto de vozes, o que requer ouvir todas as manifestações, as diferentes interlocuções, pois, “(...) os discursos são atravessados por outros discursos, as vozes que ouvimos ecoam outras vozes (...)”. Assim, as falas das crianças precisam ser analisadas como os outros textos culturais. Steinberg e Kincheloe (2004, p. 34) afirmam que,

As crianças pós-modernas não estão acostumadas a pensar e agir como criancinhas que precisam da permissão do adulto para tal. Entendemos que nem todas as crianças reagem à cultura infantil e seu acesso à cultura popular desta forma, pois diversos grupos de crianças responderão diferentemente. A realidade que fica, no entanto, é que os adultos perderão a autoridade que tinham antes por saberem coisas que as crianças, propositalmente protegidas, não sabiam. A informação adulta é incontrolável; agora, a criança vê o mundo como ele é (ou pelo menos como é descrito pelos produtores de informação corporativos).

Deste modo, o diálogo das subjetividades via mídias digitais pode ser capaz de gerar reinvenções do que é refletido com as crianças, proporcionando um diálogo mais aberto e vivo. Embora reconheçamos que as mídias digitais nem sempre

mudam as coisas para melhor, vivenciamos um mundo ampliado de experiências humanas com as mídias que provocam mudanças de hábitos, culturas e de relações. Na Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999), é a sociedade que confere sentido e valor à tecnologia de acordo com as necessidades e interesses dos sujeitos, das relações socioeconômicas estabelecidas nas formas de trabalho e lazer. Para França (2002, p. 59), a palavra rede “refere-se a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados”, e assim, a “comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social”.

Com as redes sociais, as relações passaram por modificações, gerando novos modos de comunicar, transformando o sujeito contemporâneo nos seus tempos, culturas e limites humanos. A internet, uma plataforma de comunicação constituída nas redes de computadores no mundo, possibilita a aproximação de todos com esse mundo sem limites (CASTELLS, 2003). A internet movimenta a sociedade e alimenta a intercomunicação, já que o mundo é constituído de conexões, surgindo agora o desafio de construir uma rede colaborativa e descentrada que esteja aberta às múltiplas linguagens e às diferenças da formação cultural enquanto possibilidade de aprender com a multiculturalidade. A partir da internet, o Facebook e o Instagram tem esse potencial de renovar as práticas sociais, no sentido de ser um espaço aberto para manifestar opiniões, encontrar amigos, interligando relações entre pessoas que de outro modo se perderiam.

Para Castells (1999), o que se pode destacar na sociedade em rede é a mudança nas formas de relações humanas, iniciando um processo de transformação sociocultural, já que com essa evolução as pessoas têm mais liberdade de fazer escolhas, o que não acontecia em meios como a TV e o rádio, pois os conteúdos já eram programados de acordo com os interesses. Então, os sujeitos passaram a interagir, trocar ideias, discordar, participar do processo de produção da informação.

A interação midiática tem progredido vivificando a comunicação globalizada pela interação no ciberespaço.

Lévy (1999, p. 146) denomina o processo de meta mundo virtual, vinculando a diversão, comunicação e o sujeito nas redes, funcionando enquanto espaço de mensagens dinâmicas, sensíveis e acessíveis, com uma retroalimentação coletiva e em tempo real. Soma-se a isso, a característica de ser um espaço potencializador de reconhecimento e de práticas sociais. Castells (2003, p. 67) define as tecnologias pelo fluxo e troca de informação, capital e comunicação cultural enquanto “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação e telecomunicações”. Com as tecnologias digitais não é a criação da interatividade propriamente dita, mas um processo de retroalimentação social que favorece experiências exploratórias no campo educativo (HABOWSKI, 2020).

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Estamos diante de “um conjunto de mudanças culturais que têm como resultado o estabelecimento de novas percepções sobre a realidade e novas práticas sociais” (VEIGA-NETO, 2004, p.44), que vão nos produzindo enquanto sujeitos, alterando a maneira de vivenciar o tempo e o espaço. Deste modo, o tempo presente tem se mostrado terreno fértil para problematizarmos a educação, a cultura, os sujeitos, os modos de ser e estar no mundo. Em função da posição central que a cultura ocupa relativamente ao estabelecimento de formas como passamos a pensar sobre o mundo, bem como em relação ao modo como os sujeitos passam a ser posicionados nos espaços contemporâneos. Adotando a perspectiva pós-estruturalista como opção teórica de articulação com o campo dos Estudos Culturais, concebemos o sujeito como criado, sendo produzido nas contingências do tempo e da história e não como um ser essencialista, pois, “não

existe sujeito a não ser como o simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social” (SILVA, 2017, p.120). Por isso, preferimos entender, conforme Camozzato (2012, p.71) que “ao invés de um ponto de vista que se erigiria como verdadeiro e único, hoje temos uma multiplicidade de pontos de vista, de histórias em circulação, cada uma disputando legitimidade”.

Tendo em vista os desdobramentos da globalização, com a maior circulação e distribuição de artefatos da mídia, como é o caso da internet e das redes sociais, a cultura recebeu um protagonismo jamais visto anteriormente na história (YÚDICE, 2004). Dessa forma, olhar para as postagens de uma renomada página de rede social, que atinge milhares de pessoas diariamente, abordando temas caros das infâncias, educação, família, escola e cultura, nos parece um potente material empírico para procedermos análises culturais, pois “construir um objeto de investigação é, sobretudo, expô-lo em suas condições mais amplas de emergência, situando-o em relação a outros conjuntos ou objetos similares” (FISCHER, 2002, p.65). Logo, precisamos expor o objeto de estudo com o intuito de compreender quais as condições que o fazem emergir como um objeto altamente difundido e consumido por diversas categorias de sujeito.

A página *Frases de Crianças* é um artefato da mídia que produz, educa e controla. Segundo Momo e Costa (2010, p. 972), “no caso da infância, mais do que as marcas, são os ícones infantis mercantilizados que constituem o valor dos artefatos”. A infância enquanto fase de inocência, incerteza, dependência e ignorância do mundo parece estar rapidamente desaparecendo, e “no lugar dela instalam-se as infâncias dos tempos pós-modernos, insondáveis, múltiplas, instáveis, paradoxais, selvagens, incontroláveis, enigmáticas” (MOMO; COSTA, 2010, p. 988-989). Deste modo, matérias e notícias publicadas sobre crianças, escolas, mídia e suas interconexões podem validar muitas das observações, contribuindo para ampliar a abrangência dos questionamentos e reflexões. Ainda, a página *Frases de Crianças*, bem como todos artefatos culturais, se modificam

conforme as características do espaço, pois se caracterizam pela efemeridade. Isso implica diretamente nos sujeitos endereçados, nos comentários e interações da página, nas opiniões e posicionamentos das pessoas que consomem o conteúdo da página (MOMO; COSTA, 2010, p. 975).

No que tange à abordagem metodológica, esta pesquisa possui caráter qualitativo de natureza exploratória, tendo como referencial principal o campo dos Estudos Culturais com enfoque nas pesquisas em educação. A análise das práticas culturais cotidianas busca, fixar a autenticidade das produções informais, enquanto o legado dos EC traz o rompimento entre “alta” cultura e “baixa” cultura, evidenciado que existem outras possibilidades de pesquisas significativas para além da *alta literatura*. Corroborando com essa discussão, Eagleton (2005, p. 17) indica que questões intelectuais não precisam mais ser tratadas em torres de marfim, pois essas “fazem parte do mundo da mídia, dos shoppingscenters, dos quartos de dormir e dos motéis”. Além disso, como o mesmo autor indica, passou-se a valorizar a realização de estudos de processos contemporâneos, bem como a autorizar-nos a estudar aquilo que nos interessa e nos dá prazer.

Os Estudos Culturais expressam, então, uma tentativa de “descolonização” do conceito de cultura. Cultura não mais entendida como o “melhor pensado e dito”, não mais o que seria representativo como ápice de uma civilização, como busca da perfeição; não mais a restrição à esfera da arte, da estética e dos valores morais/criativos (antiga concepção elitista). Cultura, sim, como expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como base de nossas compreensões mais corriqueiras. A cultura passa a ser vista tanto como uma forma de vida (ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), quanto toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias, etc.) (COSTA, 2011, p.105).

O campo dos Estudos Culturais, como já situado anteriormente, tem sido constantemente associado à valorização de todas as formas e expressões culturais. Notadamente os estudos conduzidos por Raymond Williams, ao final dos anos 1950,

bem como por outros autores associados à emergência deste campo na Grã-Bretanha – Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCs), tais como Edward Thompson e Richard Hoggart, abandonaram de forma importante a consagrada dicotomização até então estabelecida entre as produções que pertenciam à alta cultura e a baixa cultura.

A velha distinção que o marxismo clássico fazia entre a “base” econômica e a “superestrutura” ideológica é de difícil sustentação nas atuais circunstâncias em que a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades (HALL, 1997, p.17).

Visualizamos nas obras de Hoogart (1957) a relevância agora concedida às análises acerca da vida cultural dos trabalhadores, apontando que não há apenas submissão, mas resistências a partir das expressões ordinárias mais simplórias e aparentemente sem pertinência. Aspectos produzidos e manifestos no cotidiano de vida das pessoas são formas autênticas e legítimas de ser e estar. A cultura manifesta-se de maneira diferente em qualquer formação social ou época histórica. Um grande número de interações ativas, expressas por meio da oralidade e da memória transmitem o passado do povo e tem potencial para modificar a história. Tais ideias nos auxiliam a (re)afirmar nossa opção por investigar temas massificados e popularizados que estão presentes cotidianamente na vida das pessoas, seja de aspecto lúdico, profissional, social etc.

Toda a cultura (artefato, expressão e manifestação cultural) é campo de debate, contestação e negociações para as questões sociais e por isso está em constante transformação. A partir desse ponto de vista, o conceito de cultura abarca a noção de hibridação, Néstor García Canclini (2008b, p.19) entende como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente

contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagens, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas. A mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois de ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a mestiçagem um processo fundacional nas sociedades do chamado Novo Mundo. (CANCLINI, 2008b).

A globalização afeta a cultura e tem no consumo a sua principal característica na contemporaneidade bem como a rapidez com que essa se transforma. Entendendo a globalização como um processo que favorece as negociações, disputas e trocas, cada vez mais novas culturas e identidades vão sendo moldadas a partir das mediações da gestão dos processos conflitivos. Conforme Yúdice (2004, p. 28) “a globalização pluralizou os contatos entre diversos povos e facilitou as migrações, problematizando assim o campo da cultura como um expediente nacional”. Podemos elucidar a característica desse contexto com a ideia de *derretimento dos sólidos* (BAUMAN, 2001). A partir do reconhecimento de Zygmunt Bauman (2001, p. 12),

O derretimento dos sólidos, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluída, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência dos EC constituiu-se, portanto, como uma resposta ao impacto da mídia e das novas culturas, modos de ser/estar e tecnologias. Intencionamos proceder a análises culturais a partir do exame das narrativas contidas nas postagens da página *Frases de Crianças* que serão estudadas. Destaco que a análise cultural que pretendemos fazer precisa estar atenta ao “modo como o discurso constrói, de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder” (WORTMANN, 2002, p.85).

Dessa forma, em uma etapa inicial, buscaremos construir um panorama mais amplo, que possibilite uma visualização geral das postagens e comentários com o intuito de articular discussões a partir do endereçamento da página em busca de padrões, convergências, rupturas, incoerências e discontinuidades. Entendemos por endereçamento o “que se refere a algo que está no texto do filme e que, então, age, de alguma forma sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos” (ELLSWORTH, 2001, p.13). Logo, quem a página *Frases de Crianças* pensa que você é? Qual a relação entre a página, a postagem, o sujeito consumidor e as frases ditas pelas crianças? Questionamentos como esses são centrais para podermos problematizar que sujeitos são produzidos, que saberes são ensinados bem como resistir e subverter essa lógica, pois as postagens são produzidas para alguém, ou seja, existe um público alvo. Posteriormente, a partir do que for identificado nesta primeira triagem, destacaremos uma das direções que mais frequentemente se destacam e delinearemos os principais enfoques, trajetórias e itinerários da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Lúcia. Infância, escola e novas tecnologias. In: COSTA, Fernando Albuquerque; PERALTA, Helena; VISEU, Sofia (Org.). **As TIC na Educação em Portugal**. Concepções e Práticas. Porto: Porto Editora, 2007. p. 102-123.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usando crianças para vender: infância e consumo na publicidade de revistas. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, v.18, n2, p.230-248, jul./dez. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Dinah Quesada; ESPERANÇA, Joice Araújo (Orgs.). Mídia e consumo: pedagogias culturais de investimento na infância. In: BECK, Dinah Quesada. **Infâncias em foco: mídia, consumo e artefatos da cultura contemporânea**. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD. Volume 27. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 37-56.

CAMOZZATO, Viviane. **Dá pedagogias às pedagogias** – formas, ênfases e transformações. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008a.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008b.

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1. A Sociedade em Rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação**. Canoas: ULBRA, 2011.

DALBERGH, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros dos sujeitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Do Telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da Comunicação. In: PRADO, Aidar (org.). **Crítica das Práticas Midiáticas**. São Paulo: Hacker Ed, 2002.

GROSSBERG, Lawrence. El corazón de los Estudios Culturales: contextualidad, construccionismo y complejidad. **Tabula Rasa**. Bogotá, n.10, p.13-48, enero/junio 2009.

HABOWSKI, Adilson Cristiano. **Teoria crítica da tecnologia e educação: desafios contemporâneos**. 2019.153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1249/1/achabowski.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HABOWSKI, Adilson Cristiano. **Tecnologias e Educação: conhecer o outro lado**. Curitiba: Appris, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade** (impresso), v.22, n.2, p.15-46, jul./dez., 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LARROSA, Jorge. Dar a Palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 281-296.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MATA, Maria Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n.50, 1999.

MELO, Darcyane Rodrigues de; GUIZZO, Bianca Salazar. Infância *YouTube*: problematizando representações de crianças inseridas na cultura de sucesso. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 50, p. 121-140, jan./abr. 2019.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.965-991, set./dez. 2010.

OLIVEIRA, Cláudia de; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano; RIOS, Miriam Benites. Infância e tecnologias: desafios e relações aprendentes. **Textura**, Canoas, v. 21, p.37-58, 2019. DOI: 10.17648/textura-2358-0801-21-46-4542

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2005.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, jul./2002.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana L. G., DEMARTINI, Zeila B. F., PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Olha quem está falando agora! A escuta das vozes em educação. In: COSTA, Marisa (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

STEINBERG, Shirlei R.; KINCHELOE, Joe L. **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Tradução de George Eduardo Japiassú Brício, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004. p.37-69.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr. 2015.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.